

**PUBLICAÇÕES EDIPUCRS**

Fernando Luís Schüller e Maria da Glória Bordini (Orgs.)  
**CULTURA E IDENTIDADE REGIONAL**  
*Memória das Letras 18*

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

**EDIPUCRS**  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL  
[www.pucrs.br/edipucrs/](http://www.pucrs.br/edipucrs/)  
E-mail [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
Fone/Fax: (51) 3320.3523

# Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais

Lourenço Chacon\*

## 1 Introdução

É freqüente, em trabalhos de orientação lingüística sobre o processo que se vem denominando como de aquisição da escrita, a busca de critérios lingüísticos para justificar a presença de espaços em branco em lugares não previstos pelas convenções ortográficas na produção escrita de crianças, sobretudo das séries iniciais do ensino fundamental. Acertadamente, a nosso ver, trabalhos como os de Abaurre (1988, 1989, 1991, 1996 e 1999), Abaurre e Cagliari (1985), Abaurre e Silva (1993), Cagliari (1993 e 1998) e Silva (1994) têm vinculado essa presença não-convencional de espaços em branco a fatos de natureza fonético-fonológica, na medida em que, para os autores, as porções textuais compreendidas entre tais espaços parecem corresponder a padrões rítmico-entonacionais da oralidade ou, ainda, obedecer a princípios estabelecidos para a definição de constituintes prosódicos, tais como aqueles propostos por Nespor e Vogel (1986).

No entanto, embora grande parte das porções textuais entre esses espaços não-convencionais possa, de fato, ser explicada em função de categorias fonético-fonológicas, chama-nos igualmente a atenção, na escrita infantil, o contingente – qualitativamente significativo – de porções textuais dificilmente explicado em função de tais categorias. É o caso de *teba te um masa cada* (debaixo de uma sacada). Pensando em ocorrências como a desse exemplo, temos como proposta, neste trabalho, defender a idéia de que pelo menos mais um fator (além daquele de natureza fonético-fonológica

\* FFC/Unesp. [chacon@marilia.unesp.br](mailto:chacon@marilia.unesp.br)

apontado pelos trabalhos acima) pode ser determinante nas decisões das crianças de como segmentar suas produções escritas por meio de espaços em branco.

Para tanto, partiremos do princípio de que segmentações não-convencionais seriam marcas privilegiadas de observação da heterogeneidade constitutiva da escrita, tal como proposta por Corrêa (1997) e sintetizada em Capristano (2004). Isso porque, para esse autor, o produto escrito resultaria da circulação dialógica do escrevente por múltiplas práticas de linguagem, tanto orais quanto letradas. Conseqüentemente, nessa perspectiva, o foco é a caracterização do fenômeno do encontro entre práticas orais e letradas na produção escrita, já que “é sempre o produto do trânsito entre práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas que nos chega como material de análise do modo de enunciação falado e do modo de enunciação escrito” (Corrêa, 2001, p. 142; grifo nosso). Nesse sentido, portanto, não existiriam textos e/ou discursos que poderiam ser caracterizados como essencialmente orais ou essencialmente escritos; todos seriam, em verdade, produtos de um modo heterogêneo de constituição.

Tendo como pano de fundo essas considerações de Corrêa (1997, 2001), o objetivo central deste trabalho é procurar demonstrar o ganho explicativo de se verem fatos do processo chamado de aquisição da escrita sob a perspectiva de sua heterogeneidade de constituição. Os fatores que aqui privilegiaremos e que, a nosso ver, indiciam o trânsito do escrevente por práticas (1) orais e (2) letradas, dizem respeito, respectivamente, (1) à ação da língua sobre o sujeito e dele sobre a língua, no que se refere ao papel do componente prosódico da linguagem na escrita infantil, e (2) a essa mesma ação recíproca língua/sujeito no que diz respeito à aquisição das convenções ortográficas do português brasileiro.

## 2 Questões metodológicas

Utilizamos, em nosso trabalho, o mesmo material descrito por Capistrano (2004). Trata-se de 45 textos produzidos por três diferentes sujeitos (do gênero masculino, com idade média de sete anos) que freqüentaram uma mesma sala de primeira série do ensino fundamental na EMEF “Dr. João Jorge Sabino” – município de São José do Rio Preto (SP). Esses textos (15 de cada sujeito) foram produzidos em contexto escolar, entre os meses de fevereiro a outubro de 2000, como resposta a 15 diferentes propostas temáticas estabelecidas pelo professor responsável pela sala.

Na busca de confirmação de índices da circulação do escrevente por práticas orais e letradas, levantamos e analisamos, com mais especificidade, marcas de segmentação não-convencional que não nos pareceram reproduzir diretamente padrões rítmico-entonacionais da oralidade e/ou que não se explicam com base em algoritmos como aqueles que definem constituintes da hierarquia prosódica, tal como proposta por Nespor e Vogel (1986). Nesse total de 45 textos, detectamos um total de 35 marcas de segmentação com tais características – o que equivale a 14,1% de marcas de segmentação não-convencional das mais variadas naturezas encontradas em todo o material.

Desse total de 35 marcas, selecionamos, para reflexão neste trabalho, um conjunto de 11 marcas, cuja similaridade estrutural e regularidade de funcionamento nos permitem tematizar aspectos essenciais que acreditamos detectar em todas as 35. Vale destacar que esse total de marcas, bem como as que analisaremos aqui, foram produzidas pelos três diferentes escreventes. São as seguintes as onze marcas sobre as quais vamos refletir:

*não estavam aí;*  
*comoce brinca;*  
*voiqueli do (foi escolhida<sup>1</sup>);*  
*pateno a mico (bater no amigo);*  
*o quediiefeiz (o que que ele fez);*  
*acho rar (a chorar);*  
*ficoa paxonado (ficou apaixonado);*  
*tate noete (está de noite);*  
*fono dia (foi no dia);*  
*doso zinho (tô sozinho);*  
*fofim zida (foi visitar).*

## 3 Discussão

Chama-nos a atenção, nesse conjunto de 11 marcas, a sua configuração. Observe-se que se trata de estruturas bastante diferentes entre si e também em relação às convenções ortográficas. No entanto, essas diferenças não impedem o reconhecimento de palavras ou de partes de palavras do léxico da língua. Além disso, algumas poucas dessas estruturas parecem corresponder a hiposegmenta-

<sup>1</sup> Embora conste do original uma letra o, pelo sentido que se pode atribuir à parte de onde foi extraído o exemplo, trata-se, de fato, de um a, conforme se pode verificar pela transcrição de algumas palavras anteriores ao exemplo: *a menina que voiqueli do.*

ções (por exemplo: *estavamem*), mas sem que essas hipossegmentações coincidam com constituintes prosódicos.

De qualquer modo, a característica mais geral que se pode atribuir a essas estruturas é a de que ocorrem junções justamente em partes nas quais deveria (ou se suporia) haver um limite ao mesmo tempo ortográfico e prosódico (de palavra fonológica) – marcado, de acordo com as convenções ortográficas, por um espaço em branco. É o que se pode verificar, por exemplo, em *comoce brinca*, cuja junção *comoce*, ao mesmo tempo em que quebra a estrutura de um grupo clítico e não respeita o limite da palavra fonológica *como*, não se explica com base nos algoritmos que definem os constituintes da hierarquia prosódica estabelecida por Nespor e Vogel (1986).

No entanto, se levarmos em conta, para a explicação dessa junção, a palavra *brinca*, não se poderia pensar: (a) que essa junção estaria justamente indiciando a ação de um constituinte prosódico hierarquicamente superior que englobaria os elementos lingüísticos amalgamados (*comoce*) e os demais (*brinca*) que comporiam esse constituinte superior (*como se brinca*?); mas (b) que, se essa ação de fato se dá, não pareceria mais óbvio que estruturas como a que estamos discutindo se resolvessem mais facilmente pela junção de todas as palavras que as compõem (hipoteticamente: *comocebrinca*), tal como se pode observar na análise que Capristano (2004) faz de um grande contingente de segmentações não-convencionais que podem ser explicadas em termos de constituintes prosódicos?

Se nos basearmos em Silva (1994), uma hipótese explicativa para a não-junção de todas as palavras que compõem essas estruturas é a de que pode ter havido, no momento de sua escrita, uma interrupção do gesto de escrever. Essa hipótese nos parece, aliás, bastante razoável, já que (também) a coordenação de movimentos para esse gesto certamente ainda estava sendo elaborada pelos nossos sujeitos (que, na época da coleta de dados, não tinham mais de sete anos de idade).

Sem desconsiderarmos essa hipótese, outras nos parecem também (e, talvez, mais) dignas de nota. Para tanto, fixemo-nos nas seguintes estruturas:

*comoce brinca;*  
*voiqueli do;*  
*pateno a mico.*

Nessas estruturas, há indícios que apontam para duas diferentes interpretações:

- (1) a provável ação de um constituinte prosódico superior (indiciada pelo amálgama de elementos que deveriam ser separados por um limite atinente aos padrões – morfológicos e prosódicos – da própria língua) sobre o sujeito escrevente, que, a nosso ver, poderia ser remetida a sua circulação por práticas de oralidade;
- (2) seu reconhecimento de que *brinca*, *do* e *a* são palavras da língua e de que, portanto, na modalidade escrita, deveriam ser delimitadas por espaços em branco, fato que poderia ser remetido à circulação do escrevente por práticas letradas.

Destaque-se, quanto à segunda interpretação, que esse reconhecimento tanto poderia se dar pela ação de práticas de letramento ligadas à escolarização do escrevente, quanto poderia decorrer da ação de múltiplas outras práticas de letramento que se desenvolvem fora da esfera escolar e que, assim como as de escolarização, de algum modo, *capturariam* (Lemos, 2002) esse sujeito. Destaque-se, ainda, que, “do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são ‘graus de letramento’, sem que com isto se pressuponha sua inexistência” (Tfouni, 1994). Ou seja, como não existe, nas sociedades modernas, o “iletrado”, o que o sujeito escrevente mostra em sua escrita não necessariamente decorre de seu processo de escolarização.

Mais ainda: *brinca* é uma palavra muito freqüente no léxico de uma criança de sete anos; portanto, de fácil reconhecimento na atividade de escrever. No entanto, inversamente, não é também de estranhar a presença de elementos que coincidem com clíticos (*do* e *a*) nesses pontos, palavras sabidamente de difícil sistematização por iniciantes da prática de escrita. Com efeito, os escreventes, na aquisição dessa prática, freqüentemente hesitam entre considerar esses elementos como palavras ou como partes de palavras.

Tal como vimos expondo, com base nos dados tematizados até o momento, é possível pensar que o reconhecimento daquilo que poderia funcionar como uma palavra para a criança acompanharia o próprio movimento de seqüenciação da atividade de escrever, já que os elementos que, nesses dados, foram reconhecidos como palavras, sempre *sucederam* o espaço em branco. É o que aconteceu com *brinca*, *do* e *a*.

No entanto, certamente incorreríamos em erro se nos baseássemos exclusivamente nesses três dados. Com efeito, se atentarmos para ocorrências como:

*o quediellefeiz; e*  
*acho rar.*

veremos que o espaço em branco é colocado *após* o elemento que pode ter sido reconhecido como palavra (ou seja, essa marca em branco pode ter sido fruto de uma ação retrospectiva do sujeito escrevente sobre sua escrita).

Às vezes, parece que o próprio término de um elemento que pode ser considerado, convencionalmente, como palavra é que foi reconhecido<sup>2</sup>, explicação que se pode fornecer para o espaço em branco que sucede o *a* na ocorrência:

*ficoa paxonado.*

Além disso, ocorrências como:

*não estavam ai*

permitem-nos, talvez, levantar a hipótese de que o reconhecimento daquilo que pode, convencionalmente, ser considerado como uma palavra (no caso: *não* e *ai*) se dá como fruto de uma ação retrospectiva (na colocação de espaço em branco depois de *não*) e projetiva (na colocação desse espaço antes de *ai*) do sujeito em seu ato de escrever – fato que, para além de se supor apenas uma ação da língua sobre o sujeito, possibilita também pensar numa ação do sujeito sobre a língua.

Mas se, como fruto dessas ações, as diferentes direções de movimento que delas resultam nos permitem especular sobre fatos mais diretamente envolvidos na linearização (ou seqüenciação) da escrita, outros tipos de movimentos também podem ser hipotetizados se levarmos em conta, na aquisição da escrita, os vínculos que se podem estabelecer entre as estruturas para as quais nossa atenção está voltada e indícios de sua relação com constituintes prosódicos. Um último agrupamento dos dados que selecionamos para esta nossa discussão permite-nos fazer algumas considerações a respeito desse segundo tipo de movimento, a saber:

*tate noete* (tá de noite);  
*fono dia* (foi no dia);  
*doso zinho* (tô sozinho).

Nessas ocorrências, além da provável ação de um constituinte prosódico superior (indiciada pelo amálgama de elementos) e da circulação do escrevente por práticas letradas (indiciada pelo seu provável reconhecimento de palavras, nos dois primeiros casos, e de um sufixo bastante freqüente no léxico infantil, no terceiro), chama-nos a atenção o caráter *trocaico* das porções amalgamadas (*tate*, *fono* e *doso*), bem como das porções restantes (*noete*, *dia* e *zinho*). Parece-nos não ser tão casual a presença desse tipo de pé rítmico nessas porções. Se de fato não o for, é possível pensarmos, então, que o caráter trocaico das porções tenha ganhado relevo para as crianças justamente pela grande incidência dessa estrutura rítmica no português brasileiro e, especialmente, no léxico infantil (repleto de dissílabos paroxítonos).

Ainda a propósito de pés rítmicos, um fato que consideramos como mais singular envolve a ocorrência:

*fofim zida* (foi visitar).

Diferentemente das três ocorrências que acabamos de comentar, caracterizadas pela seqüência (possível) de dois pés troqueus, esta última parece pautar-se pela seqüência de dois pés iambos. Quais fatores a tornam possível?

Obviamente, embora não usual, essa seqüência é prevista pela própria língua, podendo ser encontrada, por exemplo, em palavras como *satisfação*. No entanto, além dessa possibilidade, acreditamos também poder detectar nessa ocorrência a ação sobre o sujeito da linha melódica (e rítmica) do verso que transcreve da cantiga de roda *O cravo brigou com a rosa*, a saber, *A rosa foi visitar*. Com efeito, no trecho reproduzido pelo escrevente, de onde extraímos a estrutura *fofim zida*, as sílabas *vi* e *tar* da cantiga coincidem com partes fortes dos tempos da melodia – talvez a melhor justificativa para a seqüência desses dois pés iambos, tomados como base para a lexicalização (não-convencional) de *foi visitar*.

Mas se o amálgama dos elementos desta última e das três ocorrências anteriores indiciam a provável ação sobre o sujeito de um constituinte superior (nos quatro casos, uma frase fonológica) e se o espaço em branco após esse amálgama sugere a ação de pés em seqüência, como lidar, então, com a hierarquia de constituintes prosódicos postulada por Nespor e Vogel (1986)?

A nosso ver, talvez se deva pensar que, em muitos momentos, não se trate de um funcionamento hierárquico de constituintes, mas, antes, de um movimento simultâneo de alguns deles – frase fonológica e pé, em nossos exemplos. Mas, se assim for, que forças

<sup>2</sup> Nesse sentido, reconhecer o término de uma palavra não implica isolá-la em suas duas margens.

desencadeariam esse movimento simultâneo? Várias são as hipóteses.

Talvez, no que diz respeito à prosódia, uma não-sincronização entre limites de constituintes e *proeminência* em constituintes. Talvez, uma ação mais forte do ritmo (em nossas ocorrências, marcada pela ação do pé) sobre outros fatos que se atribuem ao componente prosódico da linguagem. Aliás, para Meschonic (1982), seria mesmo de esperar essa ação mais forte, já que, para esse autor, o ritmo é, de fato, o elemento organizador da linguagem. Talvez, uma discrepância entre a idealização dos modelos e os dados, estatuto segundo o qual vimos tratando essas ocorrências lingüísticas da escrita infantil. Talvez, ainda, lembrando que *noete*, *dia*, *zinho* e *fim* correspondem a imagens (sonoras e gráficas) do que se pode verificar em palavras escritas da língua, uma ação do letramento sobre os sujeitos. De qualquer maneira, já que essas diferentes hipóteses mais nos parecem associar-se do que dissociar-se, o que parece ficar atestado, nestas e nas demais ocorrências de que tratamos neste trabalho, é justamente o modo heterogêneo de constituição da escrita, na medida em que é possível atribuir a essas porções de escrita não apenas a ação da (e a reflexão sobre a) organização prosódica da língua, mas também a ação das (e a reflexão sobre as) convenções ortográficas do português brasileiro, resultantes do trânsito do escrevente por práticas de linguagem orais e letradas.

#### 4 Considerações finais

Acreditamos ter demonstrado o ganho explicativo de se enfocarem estruturas como aquelas consideradas neste trabalho sob a perspectiva de sua heterogeneidade de constituição. Como se pode perceber, se as tivéssemos focado apenas à luz do que um modelo de organização prosódica da linguagem possibilitaria enxergar, talvez nada mais nos restasse que entendê-las como manifestações imperfeitas de um princípio mais geral da oralidade que atuasse, de algum modo, na escrita. Ainda nessa mesma linha de raciocínio, se desvinculássemos a prosódia da constituição heterogênea da escrita, talvez seríamos, equivocadamente, levados a pensar que, além de imperfeitas, essas estruturas caracterizariam formas de uma suposta *interferência da oralidade na escrita* – pensamento bastante problemático, já que implica uma autonomia das duas modalidades da linguagem, a falada e a escrita.

Inversamente, se as tivéssemos focado exclusivamente à luz do que as teorias do letramento permitem alcançar, muito pro-

vavelmente as reduziríamos a *problemas no modo de apropriação de aspectos do código escrito*, como as classes de palavras, deixando de lado sua riqueza prosódica.

Ver tais estruturas sob a ótica de uma constituição heterogênea da escrita possibilita uma explicação mais abrangente da complexidade de seu funcionamento. Trata-se de detectar nelas fatos que indiciam justamente o produto do trânsito do sujeito escrevente por práticas sociais orais e letradas, marcado, em nosso caso mais específico, pela conjunção entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas, conjunção que, possibilitada por essas práticas, dentro e fora do contexto escolar, tanto *capturam* os sujeitos escreventes quanto abrem a possibilidade de um trabalho desses sujeitos sobre aquilo que os *captura*.

#### Referências

- ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATÓ, M. A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 1988, p. 135-42.
- . *Oral and written texts: beyond the descriptive illusion of similarities and differences*. [s.l.: s.n.], 1989.
- . A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralin*, v. 11, p. 203-17, 1991.
- . Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 111-178.
- . Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita In: LAMPRECHT, R. R. (Org.). *Aquisição da Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 167-186.
- ABAURRE, M. B. M.; CAGLIARI, L. C. Textos espontâneos na primeira série: evidência da utilização, pela criança, de sua percepção fonética para representar e segmentar a escrita. *Cadernos Cedes*. São Paulo, v. 14, p. 25-29, 1985.
- ABAURRE, M. B. M.; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em Psicologia*. São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 1993.
- . *Alfabetizando sem o BA-BÊ-BI-BÓ-BU*. São Paulo: Scipione, 1998.
- CAPRISTANO, C. C. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, v. 39, n. 3. Porto Alegre, p. 255-270, 2004.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

———. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 135-166.

LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 42, p. 41-96, jan./jul. 2002.

MESCHONNIC, H. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris: Verdier, 1982.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1994.

TENANI, L. E. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de Hoje*, v. 39, n. 3. Porto Alegre, p. 243-254, 2004.

TFOUNI, L.V. A escrita: remédio ou veneno? In: AZEVEDO, M. A.; MARQUES, M. L. (Orgs.). *Alfabetização hoje*. São Paulo: Cortez, 1994.